

- 3) Diferencie a hipótese inatista forte da hipótese inatista fraca.
- 4) Em que medida a hipótese da “teoria da mente” de Tomasello pode ser considerada contrária ao nativismo linguístico?
- 5) Identifique e descreva as principais semelhanças e diferenças entre a hipótese inatista fraca e o conexionismo.
- 6) Analise o caso de Genie e relacione-o à hipótese do período crítico para a aquisição da linguagem.

#### O caso Genie

Genie foi isolada do convívio social dos 20 meses de idade até os 13 anos. Nesse período, não foi exposta a nenhuma língua-E. Quando voltou a ter contato com seres humanos, começou a aprender inglês. Genie apresentou bom desenvolvimento de habilidades lexicais e semântico-pragmáticas, mas não alcançou uma competência sintática, morfológica e fonológica normal. Veja umas frases de Genie: *Applesauce buy store* (tradução: “Suco de maçã comprar loja”), dita para expressar o pedido *Buy applesauce at the store* (tradução: “Compre suco de maçã na loja”); *Man motorcycle have* (tradução: “Homem motocicleta ter”), dita para expressar a descrição *That man has a motorcycle* (tradução: “Aquele homem tem uma motocicleta”).

Para saber mais sobre o caso Genie, visite o link: <[http://www.youtube.com/watch?v=qFh10w3UX\\_s](http://www.youtube.com/watch?v=qFh10w3UX_s)>.

## UNIDADE 5

# Princípios e Parâmetros

Se você for um linguista iniciante, talvez a característica das línguas humanas que mais lhe chame a atenção seja sua diversidade e sua heterogeneidade. De fato, de acordo com os critérios de contagem da maioria dos especialistas no assunto, existem hoje mais de 6 mil línguas naturais vivas pelo mundo. Trata-se de um número bastante grande, não? Pois saiba que, alguns séculos atrás, esse número era ainda maior. Estima-se que, por volta do ano 1.500 d.C., mais de 13 mil línguas eram faladas pelos continentes da Terra. Infelizmente, a maioria delas são hoje línguas mortas ou extintas, isto é, são línguas que não possuem mais falantes nativos – como é o caso do latim, língua do antigo Império Romano que deixou de ser usada nativamente nos primeiros séculos da era cristã.

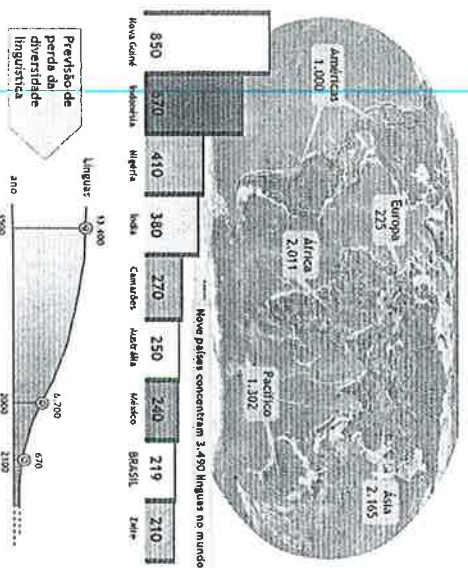
Para além dessa grande quantidade de línguas existentes, são as enormes diferenças entre elas que realmente impressionam. Incontáveis detalhes fonológicos, lexicais e morfossintáticos fazem das línguas vivas e mortas um dos maiores tesouros da história da cultura humana. Vejamos rapidamente uns poucos casos dessa rica diversidade linguística.

Ao compararmos o inventário fonológico das línguas, descobrimos que elas podem ser de fato muito diferentes. Por exemplo, existem algumas que possuem somente 3 vogais orais, como o koasati (língua indígena norte-americana), e outras que possuem muito mais, como o inglês, que conta com 11 vogais orais, ou o português, com 7. Certas línguas, a exemplo do português, possuem diversos fonemas nasais, como as consoantes [m] e [n] e as vogais [ã] e [õ], mas existem línguas que não têm sequer um único fonema nasal. Também na morfologia, as línguas podem divergir dramaticamente. De um lado, línguas como o chinês praticamente não conhecem sufixos verbais indicativos de tempo, modo, aspecto, número, pessoa e demais funções gramaticais ou semânticas. De outro lado, línguas como o português conhecem dezenas desses morfemas, tais como o “-va”, que indica tempo passado e aspecto não concluído, e o “-mos”, que indica a primeira pessoa do plural. Em algumas outras línguas, o número desses sufixos pode ser extremamente elevado. Por exemplo, no kivunjo, língua falada na Tanzânia, existem centenas ou mesmo milhares de morfemas verbais que exprimem uma vastidão de nuances de significados capazes de enlouquecer qualquer falante estrangeiro.

Quando analisamos o léxico das línguas, as diferenças que encontramos podem chegar a ser curiosas e intrigantes. Veja-se o caso do português e de diversas outras línguas ocidentais que possuem dezenas de palavras para indicar cores (amarelo, azul, branco, preto, rosa etc.), por contraste ao Dani, língua falada em Nova Guiné, na Indonésia, que só possui duas palavras para essa função, algo como “claro” e “escuro”. Na sintaxe as diferenças também não são pequenas. Dentre as 6 mil línguas do mundo, existem inúmeros padrões de organização linear entre as palavras que compõem uma dada frase. Por exemplo, quando fazemos, em língua portuguesa, uma comparação qualitativa entre duas entidades, digamos X e Y, devemos construir uma estrutura como “X é melhor que Y”. Nessa estrutura, introduzimos primeiramente o item X, sobre o qual faremos a comparação, e depois usamos uma expressão adjetival (do tipo “é melhor”) seguida do termo comparativo referente a Y (como “que Y”). O resultado é uma frase como “Pelé é melhor que Maradona”. Esse mesmo padrão sintático é encontrado em inglês, grego, hebraico, galês e muitas outras línguas. Entretanto, em línguas como japonês, turco, basco e guarani, a expressão adjetival e o termo comparado têm de aparecer antes do X sobre o qual fazemos a comparação. Isso quer dizer que, nessas línguas, uma estrutura comparativa entre X e Y será algo como “Y que melhor é X”. Em tais línguas, nossa frase-exemplo seria estruturada como “Y que melhor é melhor é Pelé”. Trata-se de um padrão sintático bem diferente, não é verdade?

A lista das divergências entre as línguas naturais é extensa e complexa. Muitos linguistas podem dedicar sua carreira inteira à identificação e à descrição dessas diferenças. Na verdade, umas das áreas mais ricas da linguística moderna é a descrição dos distintos fenômenos encontrados nas línguas humanas.

Figura 5.1: A diversidade linguística no mundo: passado, presente e futuro.



Depois de descobrir tantas línguas e tamanhas diferenças entre elas, você, como linguista iniciante, poderia perguntar-se se não existiria alguma regularidade linguística por trás de toda essa heterogeneidade. A resposta é que, realmente, as línguas humanas apresentam um considerável lastro de unidade em meio à sua evidente diversidade. Muitos fenômenos linguísticos são regulares e universais. Por exemplo, todas as línguas possuem nomes e verbos. Todas apresentam frases compostas de sujeito e predicado. Todas possuem núcleos sintáticos, seus complementos e adjuntos. Todas lançam mão de pronomes e advérbios para indicar pessoa, tempo e lugar da comunicação. Todas estruturam o período por meio de orações simples, coordenadas ou subordinadas. Há, com efeito, um grande número de universais linguísticos. É justamente a busca pela identificação dessa universalidade que caracteriza o esforço descritivo da linguística gerativa.

Na presente unidade, aprenderemos como o gerativismo reconhece ordem e previsibilidade no vasto oceano de diferenças existentes entre as línguas naturais. Veremos de que maneira a análise gerativista identifica, no componente sintático das línguas do mundo, um alto grau de homogeneidade. Você aprenderá que, na verdade, grande parte das diferenças sintáticas entre as línguas não se dá aleatoriamente. Pelo contrário, essas diferenças ocorrem de maneira previsível, num limitado eixo de possibilidades de variação.

Por que as diferenças sintáticas entre as línguas são restritas e previsíveis? Veremos que o gerativismo responde a essa pergunta com a hipótese da Gramática Universal (a GU – pronunciando-se “gê-u”) e a Teoria de Princípios e Parâmetros.

Conforme aprenderemos nesta unidade, o conceito de GU é muito importante para a linguística gerativa. É com ele que os gerativistas são capazes de sintetizar a heterogeneidade das línguas do mundo e a homogeneidade linguística prevista pela hipótese inatista sobre a faculdade da linguagem. A GU, como veremos, é caracterizada como o estágio inicial da aquisição da linguagem humana anterior aos estímulos da língua-E do ambiente. Todavia, a dotação genética presente na GU não implica que todos os indivíduos humanos desenvolverão exatamente a mesma língua-L. Como veremos, os gerativistas assumem que a GU é composta por dois conjuntos de elementos. O primeiro deles são os *Princípios* universais, comuns a todas as línguas humanas, e o segundo são os *Parâmetros* particulares, que serão formatados conforme a experiência linguística dos indivíduos. Dessa forma, é a formatação dos Parâmetros da GU – aliada à aquisição das arbitrariedades do léxico de uma língua particular – o fator responsável pela diversidade linguística, por contraste à universalidade dos Princípios comuns a todos os idiomas.

Como Princípios e Parâmetros são conjugados nas mentes dos indivíduos? Explicar isso é justamente um dos objetivos desta unidade do curso.

## Gramática Universal

A percepção de que as línguas do mundo compartilham um grande número de semelhanças é muito anterior ao surgimento da linguística gerativa. Diversos gramáticos e filósofos desde, pelo menos, a época do Renascimento já estavam conscientes de que as línguas humanas guardavam entre si considerável parentesco sintático, que parecia esconder-se sob as idiossincrasias do léxico e da morfologia dos diferentes idiomas. Talvez os primeiros estudiosos a formular explicitamente uma explicação para a universalidade da linguagem tenham sido os eruditos franceses Antoine Arnauld e Claude Lancelot. Arnauld e Lancelot publicaram, em 1660, um tratado gramatical que ficou conhecido como *Gramática de Port-Royal*. Um fato curioso é que, enquanto “Port-Royal” era apenas o nome da abadia em que os autores trabalhavam, a gramática propriamente dita foi batizada com o extenso nome *Gramática geral e razoada contendo os fundamentos da arte de falar, explicados de modo claro e natural*.

O interessante sobre a *Gramática de Port-Royal* é que ela não era apenas mais uma gramática prescritiva preocupada em ensinar o uso da língua padrão, como era então a prática nas grandes nações da Europa. Para Arnauld e Lancelot, o simples fato de qualquer pessoa normal ser capaz de produzir e compreender a sua língua *vernácula* é um fenômeno cientificamente importante, que deveria ser explicado pelos estudiosos. Nas palavras dos autores, a *gramática* era “a arte de falar e entender uma língua” ao mesmo tempo em que *uma gramática* (um compêndio gramatical) era “a disciplina que apresenta os fundamentos dessa arte” (cf. Arnauld; Lancelot, p. xv-xvii). Ora, se você usar os conhecimentos que até aqui adquiriu em nosso curso para interpretar os significados do termo *gramática* utilizados por Arnauld e Lancelot, entenderá que para eles uma *gramática* era uma faculdade cognitiva humana (uma arte) e também uma ciência cognitiva (a apresentação dos fundamentos dessa arte). Dessa forma, podemos dizer que esses franceses foram os grandes precursores da abordagem universal sobre a linguagem que viria a ser sustentada pela linguística gerativa nos séculos xx e xxi.

*Vernáculo* é o conceito usado na linguística para identificar a língua natural e espontânea dos indivíduos, adquirida na infância durante o processo de aquisição da linguagem. O vernáculo é anterior à influência sociocultural padronizante da escola e do letramento, sendo, assim, considerado como a instância mais natural de uma língua.

Também no século xvii, o filósofo francês René Descartes já manifestava suas meditações sobre a universalidade da linguagem. Descartes dizia que “é um fato notável que não existam seres humanos tão embotados e estúpidos que não

sejam capazes de arrumar várias palavras juntas, formando com elas uma frase pela qual dão a entender os seus pensamentos” (Descartes, 1637). Para o filósofo, a linguagem deve ser interpretada fundamentalmente como a forma de expressão de nossos pensamentos, isto é, Descartes afirmava que a linguagem é a capacidade humana universal de usar palavras e frases como meio de expressão de ideias. É importante você notar que, para o famoso criador da expressão “Penso, logo existo”, as palavras e frases que usamos para exprimir pensamentos são acidentais, isto é, podem variar de indivíduo para indivíduo, de acordo com suas diversas circunstâncias socio-históricas, mas a habilidade em fazer uso dessas palavras e frases é essencial e universal a todos os humanos.

A essa altura, é fácil percebermos que as ideias de Descartes muito influenciaram o pensamento de Noam Chomsky. Isso tanto é verdade que, em 1966, portanto nos primeiros anos da linguística gerativa, Chomsky lançou um livro intitulado *Linguística cartesiana: um capítulo na história do pensamento racionalista*. Nesse livro, Chomsky explicita que a busca gerativista pelos universais da linguagem não é uma novidade na história do pensamento ocidental. Pelo contrário, ele aponta que, desde há muitos séculos, a preocupação com o que é geral e universal nas diferentes línguas naturais vem sendo objeto de investigação de muitos pensadores da chamada tradição racionalista na filosofia. A relevância de Descartes para o gerativismo é destacada já no título da obra.

Figura 5.2: René Descartes é, para Chomsky, um dos precursores dos estudos sobre a Gramática Universal.



Depois de Descartes, foi o filósofo Wilhelm von Humboldt quem, nos séculos xviii e xix, daria sequência às reflexões sobre a universalidade da linguagem. Em seus estudos, Humboldt destacava que a principal característica das línguas naturais é a sua capacidade de fazer *uso infinito de recursos finitos*. Isso quer dizer que, há quase 200 anos, aquele filósofo já havia detectado a principal propriedade da linguagem humana: a *criatividade* – conceito que já estudamos neste curso.

### Joseph Greenberg

No século XX, de maneira independente do gerativismo, o linguista norte-americano Joseph Greenberg (1915-2001) formulou, em seu livro de 1966 intitulado *Universais linguísticos*, um conjunto de 45 generalizações tipológicas entre as línguas do mundo. Greenberg analisou exaustivamente mais de 30 línguas de inúmeras famílias linguísticas com a intenção de encontrar “universais” na aparente diversidade das línguas.

Com efeito, Humboldt anteviu muitos conceitos caros à linguística gerativa. Por exemplo, segundo ele, todos os humanos possuem uma disposição natural para adquirir qualquer língua específica – o que adiantava a *hipótese inatista*. Além disso, Humboldt dizia que as diferenças entre as línguas encontram-se nos seus meios de expressão, isto é, nas suas idiossincrasias lexicais e morfológicas. O filósofo asseverava haver limites e restrições impostas às diferenças entre as línguas. Segundo ele, tais imposições eram derivadas da cognição linguística humana. Vejamos uma das afirmações tipicamente gerativistas de Humboldt.

Dado que a disposição natural para a língua é universal no homem, e visto que cada um tem de possuir a chave para o entendimento de todas as línguas na mente, têm-se como corolário que a forma de todas as línguas tem de ser essencialmente a mesma. A variedade entre as línguas só pode residir nos meios, nos limites permitidos. (1836 – apud Corrêa, 2006).

As reflexões de Port-Royal, Descartes, Humboldt e outros abriram o caminho para que, no século XX, a busca pelos universais da linguagem atingisse o seu climax. Já nos anos 1960, Chomsky começava a formular uma nova teoria que buscava explicitar a maneira pela qual a universalidade linguística assenta-se por detrás das grandes diferenças visíveis entre as línguas particulares. Foi com o conceito de Gramática Universal (GU) que o gerativismo ressignificou a busca racionalista pelos universais linguísticos.

Os gerativistas compreendem a GU como o *estágio inicial* da aquisição da linguagem. Esse estágio corresponde ao estado natural da cognição linguística humana antes do contato da criança com a língua-E de seu ambiente. A GU é interpretada, portanto, como uma propriedade do cérebro humano. Essa propriedade é a concretização biológica de nossa faculdade da linguagem (seja na versão forte ou fraca do inatismo). Ela é a maneira pela qual a disposição para a linguagem deve estar codificada no genoma do *Homo sapiens*.

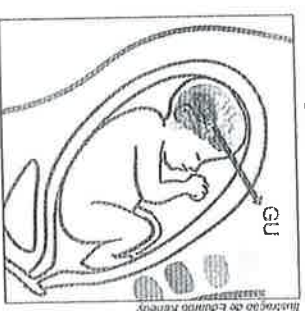


Figura 5.3: A GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem.

Com o conceito de GU, Chomsky promove uma síntese entre a tradição racionalista sobre o estudo da linguagem e as modernas ciências da cognição. Tal síntese pode ser denominada *biolinguística*. A GU é a “chave para o entendimento das línguas” (cf. Humboldt, 1836), como previa Humboldt; é a “capacidade humana de expressar pensamentos”, como dizia Descartes (cf. Descartes, 1637); é a “arte que nos permite produzir e compreender a linguagem”, nos dizeres dos gramáticos de Port-Royal (cf. Arnauld; Lancelot, 1660). A GU é, também, o conjunto dos genes responsáveis pelo desenvolvimento da cognição linguística humana. A descoberta desses genes ocupa lugar de destaque na agenda de pesquisa sobre o genoma humano. O FOXP2, sobre o qual já falamos neste curso, é provavelmente um desses genes.

Conforme o nome indica, a *biolinguística* corresponde ao conjunto das ciências biológicas e das ciências da cognição que buscam descobrir as especificações genéticas da linguagem humana.

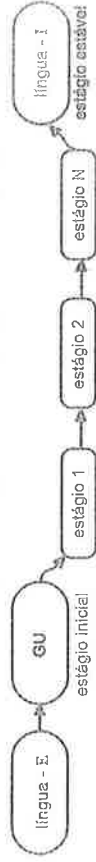
Como você pode perceber, o conceito de GU é, na verdade, muito simples e objetivo. Sua simplicidade, porém, não deve ser subestimada. Com conceito de GU, somos capazes de formular uma das explicações mais interessantes sobre as semelhanças encontradas entre as línguas naturais. Segundo Chomsky, todas as línguas particulares são formadas a partir do mesmo estágio inicial inscrito na GU. Dessa forma, é natural esperarmos que elas apresentem muitas semelhanças e afinidades entre si, já que todas compartilham o mesmo ponto de partida.

É muito importante ressaltar que GU não é o conhecimento de nenhuma língua específica. Veja bem: GU não é a mesma coisa que língua-L. A GU é uma disposição biológica, uma potencialidade. A transformação da GU na gramática de uma língua específica dependerá fundamentalmente da experiência sociolinguística do indivíduo humano. Nesse momento, você pode perguntar-se como é, então, que o conhecimento de uma língua particular emerge da GU? Vejamos a seguir como isso acontece.

A GU, para dar à luz uma língua-I, deve receber estímulos de uma língua ambiente. Por língua ambiente você deve entender uma língua-E, isto é, qualquer uma dentre as mais de 6 mil línguas existentes hoje ou, ainda, as centenas de línguas de sinais espalhadas pelo planeta. É sob a estimulação de uma língua-E que a GU será capaz de filtrar os dados da experiência de um indivíduo particular de modo a gerar conhecimento linguístico em sua mente.

Como já dissemos, a GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem. Existem, não obstante, muitos outros estágios, nos quais a aquisição da linguagem está em curso e o conhecimento de uma língua específica, como o português, o inglês ou o kuikuro, está sendo construído. A aquisição da linguagem será concluída e, assim, uma língua-I terá emergido na mente de uma pessoa, quando a GU tiver retrado do ambiente informações suficientes para a formatação da gramática de uma língua específica. Quando isso acontece, dizemos que o processo de aquisição atingiu o *estágio estável*. A partir do estágio estável, o conhecimento linguístico da pessoa já está constituído e apenas mudanças superficiais devem acontecer, tais como a aquisição de novos itens lexicais. A figura a seguir ilustra o que acabamos de dizer.

Figura 5.4: A GU como o estágio inicial, geneticamente programado, da aquisição da linguagem.



O modelo presente na figura 5.4 é capaz de explicar por que as línguas naturais compartilham tantas características: todas elas possuem o mesmo estágio inicial, a GU. Mas o que dizer sobre as diferenças entre as línguas do mundo? Será que o conceito de GU é capaz de formular alguma explicação para as divergências entre as línguas? A resposta é positiva. Veremos na seção a seguir que a GU compõe-se de dois conjuntos de informações, os Princípios e os Parâmetros. Por um lado, os Princípios da GU são responsáveis pelas semelhanças que as línguas compartilham entre si. Por outro lado, os Parâmetros da GU ordenam as diferenças possíveis entre as línguas.

## Princípios e Parâmetros

No início dos anos 1980, a linguística gerativa formulou uma interessante agenda de pesquisa que se mantém ativa e profícua até o presente. Trata-se da

Teoria de Princípios e Parâmetros. De acordo com essa teoria, a GU deve ser compreendida essencialmente como um conjunto de regularidades gramaticais universais (os Princípios) e um conjunto limitado de variações linguísticas possíveis (os Parâmetros). Vejamos em detalhes como é essa teoria.

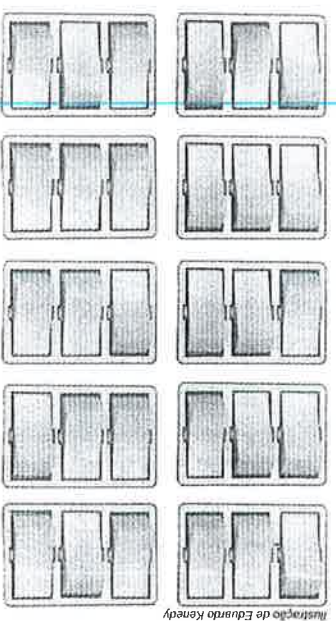
Para a Teoria de Princípios e Parâmetros, a GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem. Nesse estágio, a linguagem é formada por dois conjuntos de elementos. O primeiro deles são os Princípios universais, comuns a todas as línguas. O segundo são os Parâmetros particulares ainda não formatados pela experiência do indivíduo com a sua língua-E. Sendo assim, a teoria assume que a GU possuiu ativos os Princípios da linguagem desde o início da vida de um indivíduo, enquanto seus Parâmetros precisam ser ativados ao longo do tempo, de acordo com a língua do ambiente da criança.

É no curso da aquisição da linguagem que a GU deverá retirar informações da língua ambiente da criança de modo a formatar os seus Parâmetros. Ao fim do processo de aquisição, no estágio estável, os Parâmetros de uma língua particular encontrar-se-ão completamente assimilados pela GU e, dessa forma, o conhecimento de uma língua específica, como, por exemplo, o português, estará estabelecido na mente da pessoa. Esse conhecimento linguístico, isto é, o conjunto de Princípios universais e o conjunto de Parâmetros já formatados pela experiência particular, caracterizará a língua-I de um indivíduo, a sua competência linguística.

Uma boa metáfora para explicar a Teoria de Princípios e Parâmetros é imaginar a linguagem na mente humana como um conjunto de chaveamentos entre diversos interruptores, como os interruptores de luz que possuímos em nossas residências. Note bem, é claro que isso é somente uma metáfora, uma ilustração... A linguagem humana não se parece em nada com interruptores de luz! Digamos que, no estágio inicial da aquisição, a GU possui apenas alguns chaveamentos já preestabelecidos e outros ainda não estabelecidos. Os chaveamentos estabelecidos desde o início da aquisição da linguagem são os *Princípios* da GU. São esses chaveamentos que, digamos assim, já vêm formatados de fábrica. Eles serão idênticos em todas as línguas naturais, exatamente porque são previamente especificados pela GU.

Por sua vez, os Parâmetros da GU são aqueles chaveamentos que não são especificados de fábrica. Eles serão formatados no curso da aquisição da linguagem, de acordo com a experiência da criança com a língua de seu ambiente. Os Parâmetros são, digamos assim, como interruptores de luz que precisam ser especificados na posição “ligado” ou na posição “desligado” de acordo com o ambiente em que se encontram.

Figura 5.5: Uma língua-I pode ser ilustrada como um conjunto de chaveamentos, que especificam como os Parâmetros da GU são formatados ao lado dos Princípios universais.



Com essa ilustração, entendemos que os Parâmetros da GU são variáveis de maneira binária e previsível. Um dado Parâmetro será formatado como positivo (ligado) ou como negativo (desligado) de acordo com os estímulos de uma dada língua-E. Sendo binário, um Parâmetro não poderá deixar de ser especificado numa das duas posições possíveis, tampouco poderá conter uma terceira posição, nem mesmo uma posição intermediária entre positivo e negativo.

Vejamos como Princípios e Parâmetros se relacionam a partir de um breve exemplo. Um dos Princípios da GU estabelece que as frases das línguas humanas são compostas por *sujeitos* sintáticos (opostos, na frase, a seus respectivos predicados). Chamemos esse de *Princípio de Sujeitos*. De acordo com tal Princípio, esperamos que todas as línguas naturais componham suas frases com *sujeitos*. Com efeito, isso é o que acontece quando analisamos os dados dos milhares de línguas do mundo: todas elas constroem frases por meio da articulação de um *sujeito* com um *predicado*. Contudo, um fato interessante sobre os sujeitos sintáticos das diferentes línguas naturais é que, em somente algumas delas, o sujeito pode ser omitido na frase, criando o chamado *sujeito nulo* (que conhecemos da escola como sujeito oculto, indeterminado ou inexistente). Por se tratar de um fenômeno variável, dizemos, então, que a possibilidade de um sujeito ser nulo, isto é, ser omitido numa frase, configura um Parâmetro da GU, chamado de Parâmetro do Sujeito Nulo.

Na condição de Parâmetro, o Sujeito Nulo será variável binariamente entre as línguas, isto é, algumas línguas irão marcá-lo como positivo e outras como negativo. Quando esse parâmetro é marcado como positivo numa língua, dizemos que ela é [+sujeito nulo]. Quando é marcado como negativo, a língua é considerada [-sujeito nulo].

O português é um exemplo de língua [+sujeito nulo]. Já o inglês é exemplo de língua [-sujeito nulo]. Ilustremos isso com os dados a seguir. Note que o asterisco indica que a frase é impossível (*agrammatical*) na língua. Os pronomes destacados em negrito são o sujeito explícito na frase. O zero (Ø) representa o sujeito nulo, isto é, indica que nenhum elemento é pronunciado naquela posição sintática. As frases do inglês são a tradução, para aquela língua, das respectivas frases do português.

- (1) Português [+sujeito nulo]  
 “**Eu** estudo linguística.” ✓  
 “Ø estudo linguística.” ✓  
 Inglês [-sujeito nulo]  
 “I study linguistics.” ✓  
 \*“Ø study linguistics.” ✗

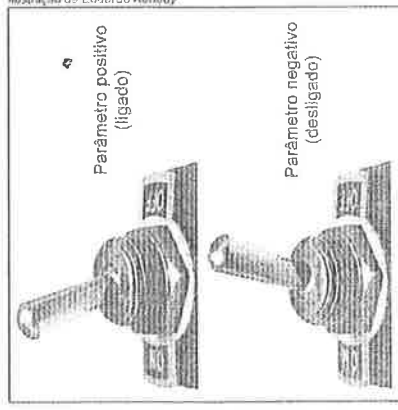
Uma construção é *grammatical* numa dada língua natural quando é gerada de acordo com as regras tácitas dessa língua. Por contraste, uma construção é dita *agrammatical* quando viola alguma regra inconsciente dessa língua. Regras são, na verdade, o conjunto de valores dos Princípios, dos Parâmetros e das demais imposições formais que compõem o sistema da gramática mental da língua em questão.

Pela análise dos exemplos, você pode verificar que, em português, tanto a frase que apresenta o sujeito explícito (também chamado de “sujeito pleno”) quanto a que realiza o sujeito nulo são igualmente gramaticais, ou seja, ambas são perfeitamente aceitáveis na gramática de nossa língua. Dizemos, então, que o português é uma língua [+sujeito nulo]. Já em inglês, apenas a primeira frase, a que apresenta o sujeito pleno, é gramatical. A segunda frase, com sujeito nulo, não é aceitável na gramática daquela língua. Logo, o inglês deve ser caracterizado como uma língua [-sujeito nulo], já que seu Parâmetro do Sujeito Nulo é negativo. Tenha em mente que o comportamento do sujeito nulo em português e em inglês não se restringe às poucas frases de nosso exemplo. Pelo contrário, em todas as frases com estrutura semelhante, o português aceitará o sujeito nulo, mas o inglês não.

Resumindo o que acabamos de dizer, vimos que a GU possui um conjunto de Princípios e um conjunto de Parâmetros não formatados. Tais Parâmetros são especificados ao longo da aquisição da linguagem, de acordo com os dados disponíveis na língua do ambiente da criança. Eles são marcados binariamente, como positivo (ligado) ou negativo (desligado). Um rápido exemplo de formação de Parâmetros é o Parâmetro do Sujeito Nulo. Uma criança que tenha como

língua-E o português marcará esse Parâmetro em sua GU como positivo (ligado). Já se a língua-E da criança for o inglês, então o Parâmetro será formatado como negativo (desligado).

Figura 5.6: Os Parâmetros da linguagem são formatados como positivos ou negativos durante a aquisição de uma língua específica.



É importante deixar claro que o Princípio de Sujeitos e o Parâmetro do Sujeito Nulo são apenas um pequeno exemplo dos Princípios e dos Parâmetros da GU. Ao observarmos a complexidade das línguas naturais, descobriremos que existem muitos outros. Nesse sentido, uma das tarefas mais importantes dos linguistas de orientação gerativista é pesquisar as diversas línguas do mundo e procurar descobrir nelas evidências dos inúmeros Princípios e dos Parâmetros que compõem a GU. Vejamos, nas seções a seguir, alguns exemplos de Princípios e de Parâmetros já identificados e bem estudados pela linguística gerativa dos últimos 30 anos.

## Exemplos de Princípios

Um dos Princípios existentes na GU é o *Princípio da Subordinação*. Ele estabelece que, em qualquer língua humana, uma oração sempre poderá ser inserida como constituinte de outra oração, subordinando-se a ela. Por exemplo, em português, uma oração como “João é feliz” é, por si mesma, uma frase complexa. De acordo com o Princípio da Subordinação, essa oração pode ser inserida no interior de outra, que a subordina, dando origem a uma frase complexa como “Eu acho que João é feliz”.

Você deve ter percebido que esse Princípio é um dos mais interessantes da linguagem humana. Ele é um dos responsáveis pela propriedade da *recursividade*, que dá à luz o aspecto criativo das línguas naturais. Todas as línguas são produtivas porque, dentre outras coisas, podem inserir orações umas dentro das outras de maneira recursiva, conforme prevê o Princípio da Subordinação. Por se tratar de um *Princípio*, a *Subordinação* manifesta-se em todas as línguas humanas.

Outro Princípio da GU já identificado pelos linguistas é o *Princípio da Dependência de Estrutura*. De acordo com ele, as operações sintáticas existentes nas línguas naturais sempre são sensíveis à estrutura em que os constituintes se encontram inseridos numa dada frase. Como aprenderemos nas próximas unidades do curso, essas operações sintáticas, dentre outras coisas, deslocam constituintes de uma posição para outra dentro da frase, apagam constituintes por elipse ou substituem-nos por pronomes equivalentes. Por exemplo, perceba que no exemplo (3), a seguir, o possessivo “esse” forma uma estrutura junto a “livro”. É por isso que se deslocamos “livro” para o início da frase, teremos de levar junto dele o pronome “esse”, como acontece em (4). Do contrário, isto é, se não respeitarmos a dependência de estrutura entre “esse” e “livro”, o resultado seria uma frase agramatical, como ocorre em (5).

- (3) Eu ainda não li esse livro.
- (4) Esse livro, eu ainda não li.
- (5) \*Livro, eu ainda não li esse.

Note que, em (5), o constituinte [livro] foi deslocado para o início da frase de maneira independente ao pronome [esse], algo que viola o Princípio de Dependência de Estrutura e, assim, torna a frase agramatical (lembre-se de que o asterisco no início da construção representa “agramaticalidade”). O interessante é que nenhuma língua humana pode tratar os elementos de uma frase de maneira isolada, como se cada um deles fosse uma unidade absolutamente independente das demais. Com efeito, uma frase como (5) será agramatical em qualquer língua humana, afinal a Dependência de Estrutura é um Princípio e, como tal, aplica-se universalmente a todas as línguas naturais.

Outro exemplo de Princípio da GU é, na verdade, um conjunto de três princípios, conhecidos como *Princípios da Ligação*. Um desses princípios – o Princípio B, que já vimos superficialmente na unidade 3 e voltaremos a estudar com mais detalhes ao final de nosso curso – estabelece que pronomes anafóricos devem encontrar seu referente numa oração diferente daquela em que estão inseridos – e nunca no interior da mesma oração em que se encontram. Vejamos uma ilustração desse Princípio.

Na frase “Paulo não sabe se João o viu na festa”, o pronome anafórico “o” pode referir-se ao nome “Paulo”. Dizemos, então, que “o” e “Paulo” são *coreferentes*. Por serem termos coreferentes, “o” e “Paulo” são indexados com o mesmo símbolo, o “1” subscrito que denota a indexação entre dois elementos, conforme se ilustra a seguir.

(6) [Paulo<sub>1</sub> não sabe] [se João o<sub>1</sub> viu na festa]

Note que o referente do anafórico “o” não pode ser “João”, uma vez que esse nome se encontra inserido na mesma oração em que o pronome ocorre, tal como você pode verificar pelo uso dos colchetes na frase (os colchetes servem justamente para indicar a fronteira entre as duas orações).

Dizendo de outra maneira, sabemos que, no exemplo (6), o pronome “o” pode referir-se a “Paulo”, mas não a “João”. Ora, isso se dá em função do Princípio B da Ligação, que estabelece exatamente que o referente de um dado pronome anafórico só poderá ser encontrado numa oração diferente daquela em que esse anafórico se situe. Por se tratar de um Princípio, já sabemos que a situação será a mesma em qualquer língua humana. Isso quer dizer que, se traduzirmos a frase (6) para o alemão, o txucarraná, o russo ou o francês – na verdade, para qualquer língua –, o resultado será invariavelmente o mesmo: “o” e “Paulo” sempre poderão ser coreferentes, mas nunca a coreferência será estabelecida entre “o” e “João”. Os Princípios da GU, como vemos, são especificações gramaticais comuns a qualquer língua humana. Todas elas possuem o Princípio de Sujeitos, o Princípio da Subordinação, o Princípio da Dependência de Estrutura, os Princípios da Ligação, além dos demais Princípios existentes. Trata-se, portanto, dos casos das invariâncias entre as línguas. Nesse momento você pode se perguntar: mas o que a Teoria de Princípios e Parâmetros tem a dizer a respeito dos fenômenos gramaticais variáveis entre as línguas? Nesse caso, estaremos falando dos Parâmetros da GU – e esse é o assunto da próxima seção.

## Exemplos de Parâmetros

Para ilustrar os Parâmetros da GU, voltemos ao caso do Parâmetro do Sujeito Nulo. Já sabemos que esse Parâmetro, quando marcado como positivo, gerará línguas [+ sujeito nulo] e, quando marcado como negativo, gerará línguas [- sujeito nulo]. Vejamos mais alguns casos que opõem o português e o inglês, línguas que, como já sabemos, formatam o Parâmetro como positivo e negativo respectivamente.

(7) Português [+ sujeito nulo]  
 “Ela está bem.”   
 “Ela está bem.”

(8) Inglês [- sujeito nulo]  
 “I am fine.”   
 “\*ø am fine.”

Já sabemos que, em português, se não quisermos preencher o sujeito da frase, podemos dizer algo como “*está bem*”, conforme indica a gramaticalidade assinalada nas frases do exemplo (7). Já em inglês, não existe essa possibilidade. Se quisermos dizer, naquela língua, algo como “estou bem”, seremos obrigados a expressar o sujeito na frase, gerando a estrutura *I am fine* (que quer dizer apenas “estou bem”). Se, nas frases do inglês, não explicitamos o sujeito, deixando-o oculto como em *am fine*, o resultado será uma construção agramatical, como vemos acontecer na oposição das frases em (8).

A diferença entre línguas [+ sujeito nulo] e [- sujeito nulo] torna-se ainda mais nítida quando consideramos os casos em que o sujeito da frase não possui nenhum significado, nem se refere a alguma entidade no mundo. Em línguas [+ sujeito nulo], sujeitos não referenciais sempre ficarão nulos (são os chamados sujeitos inexistentes na escola). Já nas línguas [- sujeito nulo], todos os sujeitos precisam ser preenchidos de alguma maneira, mesmo que não se refiram a nada e não signifiquem coisa alguma.

Para explicitar os sujeitos não referenciais, línguas [- sujeito nulo] lançam mão de pronomes expletivos. Esses pronomes não possuem significado, nem fazem referência alguma. Eles são utilizados tão somente para preencher a posição sintática do sujeito, conforme vemos acontecer no exemplo do “inglês” em (9) e do francês, em (10), nos quais o item em negrito é um pronome expletivo.

(9) *It rained yesterday*  
 (tradução: “choveu ontem”)

(10) *It a plu hier*  
 (tradução: “choveu ontem”)

Vemos, nos exemplos, que os pronomes *it* em inglês e *il* em francês não denotam nenhuma entidade na frase. Eles não são como o pronome “ele” ou “ela” do português, que se referem a uma pessoa ou coisa. Na verdade, *it* e *il* são inseridos nas frases apenas para preservar o Parâmetro do Sujeito Nulo, que é marcado como



negativo em inglês e em francês. Em português, esse Parâmetro é marcado como positivo e, assim, um verbo que não possua sujeito referencial, como é o caso do exemplo (“chover”), receberá um sujeito nulo: “*o* choveu ontem”.

Se você é estudante de línguas estrangeiras, já deve ter notado que brasileiros que começam a aprender inglês como língua estrangeira geralmente têm dificuldades com pronomes do tipo *it* e *there*. Isso acontece justamente porque tais pronomes são uma mera gramaticalidade nas línguas [-sujeito nulo], algo inexistente em português e demais línguas [+sujeito nulo]. É comum que estudantes brasileiros em fase inicial de estudo produzam frases agramaticais em inglês como as seguintes.

(11) \**Is possible*  
(querendo dizer *It is possible*, tradução de “É possível”)

(12) \**Can be a chance*  
(querendo dizer *There can be a chance*, tradução de “Pode haver uma chance”)

Erros assim ocorrem porque as respectivas frases em português deixam o sujeito nulo, mas eles precisam ser preenchidos com expletivos em inglês. O problema acontece porque os estudantes brasileiros possuem uma língua formatada como [+sujeito nulo] e têm de aprender uma língua com formatação diferente, [-sujeito nulo].

Outro exemplo de Parâmetro da GU é o *Parâmetro do Núcleo*. Esse Parâmetro determina qual é, na frase, a posição linear de um dado núcleo sintático em relação a seu respectivo complemento. Em português, um núcleo sintático antecede o seu complemento. Por exemplo, quando produzimos uma frase como “Leda comprou doce”, o núcleo da construção é o verbo “comprar”, que ocorre antes de seu complemento, o objeto direto “doce”. Essa situação é inversa, por exemplo, no japonês. Nessa língua, um núcleo sintático sucede o seu complemento. Assim, a mesma frase traduzida para o japonês teria como resultado *Leda okashi kani* (literalmente “Leda doce comprou”), considerando que o núcleo da frase é o verbo *kani* (“comprar”), que ocupa posição posterior ao complemento objeto direto *okashi* (doce). Dizemos, então, que o japonês se especifica como uma língua cujo Parâmetro do Núcleo é [+final], diferentemente do português, que é uma língua com núcleo [-final].

Como já podemos prever, as línguas do mundo variarão binariamente em relação ao Parâmetro do Núcleo. Um(a) formataráo como [-final], como, além do português, acontece também com o espanhol e o inglês. Outras o formataráo como [+final], como, junto do japonês, é o caso do chinês e do karajá. Faremos um pouco mais do Parâmetro do Núcleo na seção final desta unidade.

Um terceiro exemplo de Parâmetro da GU é o Parâmetro QU-. Esse Parâmetro diz respeito à posição linear que pronomes iniciados com *qu-* devem ocupar nas frases. Dentre as línguas naturais, os elementos *qu-* podem ocorrer no final de frases ou podem ser deslocados para o início delas.

Um elemento *qu-* é um pronome como *que*, *qual*, *quem*, *quando* e também *como*, sendo esse uma forma reduzida de “*de que maneira*”, e *onde*, forma reduzida de “*em que lugar*”.

Em línguas como o chinês, os pronomes *qu-* ocorrem obrigatoriamente nas posições finais de frase. Por contraste, línguas como o português podem deslocá-los para as posições iniciais. Vejamos exemplos. Note que o pronome *shenme* é o equivalente, em chinês, de nosso *que*.

(13) *Ni xiangxin ta hui shuo shenme?*   
(14) \**Shenme ni xiangxin ta hui shuo?*

Como vemos, em chinês, o pronome *qu-* *shenme* só pode ocorrer no final da construção, como acontece em (13), cuja tradução palavra por palavra é “Você pensa ele vai dizer o quê?”. Deslocá-lo para o início da frase provoca agramaticalidade, como acontece em (14). Já em português, uma frase equivalente pode localizar o pronome interrogativo ao final ou ao início da frase.

(15) *Você acha que ele vai falar o quê?*   
(16) *O que você acha que ele vai falar?*

O português é, portanto, uma língua que apresenta o Parâmetro QU- marcado como positivo. Isto é, esse Parâmetro é formatado em nossa língua como [+movimento de *qu-*]. Tal marcação faz com que pronomes *qu-* possam ser deslocados para o início da frase. Ao contrário, em chinês o Parâmetro é formatado como [-movimento de *qu-*] e, assim, os pronomes ocorrem sempre em sua posição original, *in situ* (sem deslocamento).

### Os Parâmetros são mesmo binários?

A caracterização dos Parâmetros da GU como binários, isto é, meramente intanciados como negativos ou positivos, é uma simplificação teórica – um artifício descritivo. Na verdade, os Parâmetros são o resultado de um grande conjunto de variáveis linguísticas que são marcadas arbitrariamente no Léxico de uma determinada língua. Por exemplo, se uma língua possui vários morfemas verbais para indicar a pessoa gramatical dos sujeitos das frases, é provável que ela seja marcada como [+ sujeito nulo]. Já se essa língua não dispõe de morfemas desse tipo, é mais provável que ela seja marcada como [- sujeito nulo]. Caracterizar os Parâmetros da GU por oposições binárias é descritiva e didaticamente útil, mas, de fato, o Léxico das línguas é algo muito mais complexo e sutil. De uma maneira mais precisa, poderíamos dizer que o conjunto das convenções do Léxico das línguas humanas irá provocar certos *outputs* sintáticos previsíveis, os quais podemos descrever esquematicamente na forma de Parâmetros binários.

Um fato muito interessante nas línguas naturais é que os Parâmetros da GU, conforme são formatados como positivos ou negativos, vão construindo uma intricada rede de relações estruturais – os tais *chavementos* da linguagem. Essas redes dão origem à configuração sintática final de uma língua-I em particular. Vejamos na próxima seção como diversos fenômenos sintáticos coocorrem de maneira sistemática e previsível numa língua a partir de uma dada formatação paramétrica. Os padrões linguísticos que emergem de opções paramétricas compõem a harmonia de estrutura de uma língua humana específica.

## Harmonia estrutural

Uma questão sintática que rapidamente detectamos numa língua é o seu padrão de organização linear entre os principais constituintes de uma frase: o sujeito (S), o verbo (V) e o objeto (O). Tal padrão não se dá de maneira aleatória, afinal, se assim o fosse, nem sequer haveria um padrão sobre o qual se pudesse falar, não é verdade? Antes, o padrão emerge de certas propriedades da GU. Por exemplo, línguas que possuem o Parâmetro do Núcleo marcado como [- final], isto é, aquelas línguas que antepõem o núcleo a seu respectivo complemento, como é o caso do português, geralmente dispõem os constituintes de uma frase na sequência SUJEITO → VERBO → OBJETO, dando origem à ordenação SVO. Por seu turno, as línguas que marcam o Parâmetro do Núcleo como [+ final], tal como acontece com o japonês, pospõem o núcleo a seu respectivo complemento e, assim, tipicamente ordenam suas frases na sequência SUJEITO → OBJETO → VERBO, com a ordenação SOV.

- (17) Português: Leda comprou doce  
Ordem: S V O
- (18) Japonês: Leda okashi kau  
Ordem: S O V

A maioria das línguas humanas se divide, por conseguinte, no padrão SVO versus SOV. As poucas exceções decorrem das restritas possibilidades de posicionamento de S em relação a V e a O.

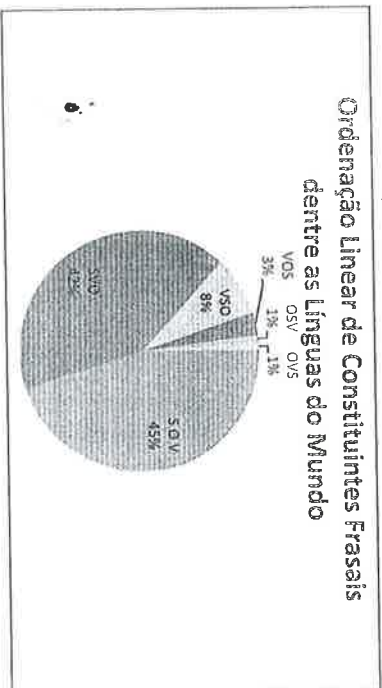
### Indicação de leitura – livro do Prof. Dr. Marcus Maia (UFRR)

Grande parte dos exemplos de harmonia estrutural citados nesta unidade foram retirados do excelente livro *Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem*, de autoria do professor da UFRRJ,

Marcus Maia.

Marcus Maia é um eminente psicolinguista de orientação gerativista, além de ser um importante estudioso das línguas indígenas brasileiras. Você pode conhecer mais sobre seu trabalho visitando o site do Laboratório de Psicolinguística Experimental (LApex) por ele coordenado na UFRRJ: <<http://www.museunacional.ufrrj.br/labcooglml/apex/>>.

Figura 5.7: Distribuição da ordem entre S, V e O dentre as línguas humanas. O português é caso de uma língua SVO.



Como você pode notar, o padrão de organização entre constituintes frásais nas milhares de línguas do mundo relaciona-se ao Parâmetro do Núcleo, conforme ele esteja inscrito na GU dos indivíduos. As línguas humanas são OV ou VO, conforme seu Parâmetro do Núcleo [+/- final]. As pequenas irregularidades ocorrem

em relação à posição de S, que pode localizar-se antes ou depois de OV ou VO, ou mesmo entre esses dois constituintes. O interessante é que a posição relativa de S não depende do Parâmetro do Núcleo, mas de um conjunto de outros fatores, dentre os quais figura, inclusive, o Parâmetro do Sujeito Nulo.

Além da ordenação entre S, V e O, o fato de uma língua ser [+final] ou [-final] implica um grande conjunto de propriedades sintáticas. Tais propriedades estão esquematizadas na Tabela 5.1. Vejamos a seguir exemplos dessas características.

Tabela 5.1: Padrões estruturais decorrentes do Parâmetro do Núcleo.

ESTRUTURA	PADRÃO	
	[+ final]	[- final]
1. Ordenação de orações		
1.1 Posição entre O e V	OV	VO
1.2 Adposição	posição	posição
1.3 Construções termo-padrão		
1.3.1 Comparativos	termo padrão → adjetivo	adjetivo → termo padrão
1.3.2 Nome de família	família → pessoa	pessoa → família
2. Modificadores do Nome		
2.1 Adjetivos descritivos	adjetivo → nome	nome → adjetivo
2.2 Adjetivos genitivos	genitivo → nome	nome → genitivo
2.3 Orações relativas	oração relativa → nome	nome → oração relativa
3. Modificadores do Verbo		
3.1 Negação	verbo → advérbio negativo	advérbio negativo → verbo
3.2 Auxiliares	verbo → auxiliar	auxiliar → verbo

Fonte: Laboratório de Psicolinguística Experimental da UNP.

Nós, falantes de português, estamos acostumados a falar em “preposição”. Termos como “adposição” e “posição” só se tornam nossos conhecidos nas aulas de linguística. Isso acontece porque, em nossa língua, uma adposição sempre antecede o seu termo regido (um nome ou um pronome) e, assim, lhe está preposta.

(19) Koboí foi para a roça.

No exemplo (19), a adposição se realiza antes da expressão nominal “a roça” e, dessa maneira, é uma preposição. As preposições acontecem nas línguas que, como o português, são marcadas com o Parâmetro do Núcleo [-final]. Por sua vez, línguas com o Parâmetro do Núcleo marcado como [+final] conhecerão as posições. Em (20), temos a frase (19) traduzida para karajá, língua indígena brasileira, cujo Parâmetro do Núcleo é [+final].

(20) Karajá: Koboí koworu ò rará.  
Tradução: Koboí roça para foi.

O termo “ò” é uma adposição. Perceba que ele se situa depois do nome “koworu” (roça). Isso quer dizer que uma língua como karajá conhece posições, e não preposições. Temos aqui uma regularidade muito importante: línguas [+final] possuirão posições e línguas [-final] possuirão preposições.

Outra regularidade decorrente do Parâmetro do Núcleo diz respeito à configuração sintática das expressões comparativas. Em português, quando comparamos duas entidades, posicionamos a expressão comparativa antes do termo com o qual estamos comparando algo. Isso pode ser visto no exemplo a seguir.

(21) Maria é mais bonita do que Ana.

A expressão comparativa “mais bonita” acontece antes de “Ana”, termo usado para a comparação com Maria. Esse padrão ocorre regularmente em português e nas demais línguas [-final]. Já em línguas [+final], o padrão é oposto. A expressão comparativa deve ocorrer depois do termo usado para a comparação. A frase (22) ilustra como o chinês realiza a comparação de maneira inversa ao português.

(22) Chinês: Mei bi Hua piaolian.  
Tradução: Mei do que Hua mais bonita.

Como podemos ver, a expressão “piaolian” (“mais bonita”) sucede o nome próprio Hua. Ora, isso ocorre justamente porque o chinês é, como já sabemos, uma língua cujo Parâmetro do Núcleo é formatado como [+final].

A ordenação do nome de família em relação ao nome específico de uma pessoa é uma curiosidade que também decorre do Parâmetro do Núcleo. Em línguas [-final], o nome próprio é posicionado antes do nome de família. Assim, dizemos “João da Silva” em português e “John Smith” em inglês. Todavia, em uma língua com o Parâmetro [+final], o nome da família vem logo ao início, antes do nome particular do indivíduo. Por exemplo, “Chang Whan” é o nome de um indivíduo específico, o Whan, que pertence à família Chang em chinês.

O Parâmetro do Núcleo é responsável, também, pelo padrão de ordenação entre substantivos e adjetivos. Línguas [-final] tipicamente dispõem o nome antes do adjetivo, ao passo que língua [+final] antepõem o adjetivo ao nome. Ao analisarmos os exemplos (23) e (24), veremos que línguas que dizem “João da Silva” vão dizer algo como “casa grande”, enquanto línguas que dizem “Chang Whan” dirão algo como *ta fenzi* (“grande casa”, em sentido denotativo).

(23) Português: casa grande (nome + adjetivo)  
(24) Chinês: *ta fenzi* (adjetivo + nome)  
Tradução: *ta* = grande; *fenzi* = casa.

O padrão-estende-se também aos adjetivos genitivos. Tais adjetivos servem para indicar a posse de um determinado objeto em relação a alguém ou algo. Em português, língua que possui o Parâmetro do Núcleo [- final], o adjetivo genitivo (ou a locução adjetiva genitiva) pospõe-se ao substantivo sobre o qual se indica a posse: dizemos “casa de João”, mas não \*“(de João casa)”. Já nas línguas com o Parâmetro marcado como [+ final], a expressão genitiva antecede o substantivo.

O Parâmetro do Núcleo é responsável também pelo padrão de organização das orações relativas das línguas — as orações subordinadas adjetivas, na nomenclatura que aprendemos na escola. Nas línguas [- final], as orações relativas se localizam depois do nome que por elas é modificado, tal como vemos exemplificado em (25). Já em línguas [+ final], as orações relativas ocorrem antes do nome modificado. É isso que vemos no exemplo (26), retirado do japonês, uma língua cujo Parâmetro do Núcleo é formatado como [+ final].

(25) A loja que Kato comprou.

[nome] [oração relativa]

(26) *Kato-ga kaita mise*

[oração relativa] [nome]

Tradução: Kato comprou (que) loja.

Por fim, todos os falantes de português sabem que, nessa língua, um advérbio de negação posiciona-se antes do verbo. Dizemos tipicamente “o livro que você *não* *leu*” (e não \*“(o livro que você *leu* *não*)”). Esse posicionamento anterior do advérbio de negação é típico das línguas [- final]. Línguas [+ final] fazem a negação depois do verbo. Por exemplo, em apinayé, língua indígena brasileira cujo Parâmetro do Núcleo é [+ final], a tradução de uma frase como “eu *não* *comi*” será “*pa krekkel ne*”, em que o verbo “comer” é *krekkel*, e o advérbio de negação é o termo *ne*.

### A negação verbal no português do Brasil

É interessante notar que muitos dialetos do português no Brasil encontram-se em variação linguística em relação à posição do advérbio de negação em frases negativas simples. Por exemplo, os brasileiros dizem “não comi”, mas dizem também “comi não”. No português, existe também a possibilidade de dupla negação verbal, como ocorre em “não comi não”, às vezes realizada como “num comi não” (note que a forma “num” é uma versão fonética enfraquecida de “não”). Se tal variação provocará uma mudança linguística é algo que somente no futuro poderemos saber.

A posição do verbo auxiliar em relação ao verbo principal de uma oração é outro fenômeno linguístico que também decorre do Parâmetro do Núcleo. Línguas [- final] posicionarão o verbo auxiliar antes do principal. Línguas [+ final] posicionarão o verbo principal antes do auxiliar. Isso pode ser verificado nos exemplos do português [- final] e do karajá [+ final], a seguir.

(27) Eu fui pescar.

[auxiliar] [principal]

(28) Karajá: *Deary marim' r're.*

[principal] [auxiliar]

Tradução: Eu pescar fui.

O propósito de todos esses exemplos é demonstrar a você que as línguas naturais compartilham entre si um grande número de semelhanças sintáticas, ao mesmo tempo em que organizam suas diferenças de maneira sistemática e previsível. Tanta ordem, segundo os gerativistas, decorre do estágio inicial da GU, com seus Princípios e com seus Parâmetros a serem formatados.

Note, porém, que uma coisa é clara. A variação paramétrica não explica todas as diferenças sintáticas entre as línguas. Muitos aspectos da sintaxe das línguas são variáveis de maneira acidental e idiossincrática. Não obstante, esperamos que você tenha compreendido que a proposta da linguística gerativa, com a Teoria de Princípios e Parâmetros, é justamente tentar compreender por que as línguas não variam em certos aspectos e por que grande parte da sintaxe das línguas é variável de maneira organizada e previsível.

## Conclusão

Vimos, nesta unidade, como a hipótese da GU e a Teoria de Princípios e Parâmetros são a maneira pela qual a linguística gerativa busca explicações para a universalidade da sintaxe das línguas naturais. Aprendemos que a preocupação com os universais da linguagem é bastante antiga na história do pensamento humano. No contexto dessa longa história, a proposta da GU representa o capítulo mais atual. Ela se constitui, sobretudo, como uma síntese entre as ciências cognitivas contemporâneas e a tradição racionalista nos estudos da linguagem. A GU é, como vimos, o estágio inicial da aquisição da linguagem, que apresenta um conjunto de Princípios invariantes e um conjunto de Parâmetros binários que devem ser formatados no curso da aquisição da língua do ambiente. A articulação entre os diversos Princípios invariantes e

Parâmetros formatados, ao lado das idiossincrasias e arbitrariedades do Léxico, confere a cada língua humana sua feição específica. Isso não quer dizer, no entanto, que as línguas possam variar de maneira caprichosa e imprevisível. Como vimos, a harmonia estrutural é um belo exemplo de ordem por detrás de intensa variação. Essa harmonia é uma tendência natural de uma língua organizar-se internamente dada sua formatação de um Parâmetro gramatical específico, como o sujeito nulo ou o núcleo final.

## Exercícios

- 1) De acordo com a linguística gerativa, por que as línguas do mundo compar-tilham entre si tantas semelhanças estruturais?
- 2) Imagine um brasileiro chamado João da Silva. Ele tem 20 anos e é falante nativo do português culto do Rio de Janeiro. É correto afirmarmos que a *GU* presente em João já estava programada para adquirir especificamente a língua portuguesa desde a sua concepção no útero materno? Justifique sua resposta.
- 3) O que se deve entender por *GU*?
- 4) Por que a hipótese da *GU* representa uma síntese entre diferentes momentos da história do pensamento racionalista ocidental?
- 5) Qual é a relação existente entre *GU* e Teoria da Princípios e Parâmetros na linguística gerativa?
- 6) Quais as semelhanças entre Princípios e Parâmetros da *GU*?
- 7) Quais as diferenças entre Princípios e Parâmetros da *GU*?

8) Observe os dados do inglês e do espanhol nas frases a seguir.

INGLÊS	ESPAÑHOL
Did you see John? [partícula] você viu João?	Tu viste a Juan? você viu João?
1) Yes, I saw him. Sim, eu vi-o	1) Sí, yo lo vi. Sim, eu o vi
2) *Yes, I saw. Sim, eu vi Ø	2) Sí, lo vi. Sim, Ø o vi
3) *Yes, saw him. Sim, Ø vi-o	3) *Sí, yo vi. Sim, eu vi Ø
4) *Yes, saw. Sim, Ø vi Ø	4) *Sí, vi. Sim, Ø vi Ø

Leve em consideração também a tradução dessas frases para o português – note que todas as traduções são gramaticais em português, mas podem não ser no original em inglês e/ou espanhol. Explique o comportamento dos sujeitos e dos objetos diretos (nulos ou preenchidos) nessas três línguas de acordo com as noções de Princípio e Parâmetros estudadas nesta unidade.

